



A INTERMEDIÇÃO DAS IES NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO DO TRABALHO DOCENTE: DUAS REALIDADES DISTINTAS.

**Luciana Florentino Novo
Rodrigo Serpa Pinto
Adriana Santurion Oliveira
Fernando Antônio Silva Fôlha**

Resumo

Desvendar os significados do trabalho para os diferentes grupos funcionais, ainda pode ser considerado um verdadeiro desafio aos gestores que atuam junto às diversas organizações; podendo-se considerar a existência de poucas pesquisadas brasileiras nesta direção, sobretudo, voltadas especificamente à significação do trabalho docente. Em vista disso, este estudo objetiva analisar comparativamente os significados do trabalho para professores que atuam junto a uma IES pública e outra privada; pois a organização a qual o indivíduo ligado profissionalmente apresenta potencial de impactar substancialmente as atividades exercidas, e por consequência, o processo de significação do trabalho realizado. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, caracterizada como um estudo de múltiplos casos. Para a coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas aplicadas a docentes que atuam junto as duas IES. Pode-se verificar que o trabalho ocupa uma grande centralidade na vida dos indivíduos, porém os valores, crenças e práticas existentes em cada uma das organizações são capazes de intermediar o significado atribuído pelos docentes aos seus trabalhos, o qual, de acordo com a IES que se encontram ligados, podendo variar desde uma fonte de orgulho e status em suas vidas, até uma fonte de vergonha e sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Significado do Trabalho, Trabalho Docente, Sentido do Trabalho.

Introdução

Estudos sobre o trabalho, seus significados e implicações na vida organizacional e individual de cada trabalhador constam na pauta de pesquisadores ligados a diferentes vertentes epistemológicas, dentre as quais, parece existir um ponto em comum: o fato de que o trabalho apresenta significados que vão muito além da mera subsistência.

Deve-se destacar que um importante marco para o que se tem hoje em termos de estudos da área decorre das contribuições prestadas pela equipe de investigação *Meaning of Work International Research Team - MOW* (1987), na busca de definir e identificar variáveis que expliquem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho.

Conhecer os significados do trabalho para os diversos grupos funcionais, e o impacto de tais percepções sobre os trabalhadores e nas relações que os mesmos estabelecem com as organizações com as quais se encontram ligados profissionalmente, continua sendo, ainda nos dias atuais, um desafio para administradores e profissionais ligados à área de gestão de pessoas, e ao mesmo tempo, uma questão crucial, principalmente para a condução de novas práticas de administração de pessoas, já que o sentido do trabalho é capaz de influenciar as formas de atividade laboral, a flexibilidade e a produtividade dos trabalhadores, pois afeta as crenças sobre o que é legítimo e o que se pode tolerar do trabalho (MOW, 1987). Para Sievers (1997), a perda do sentido do trabalho traz como consequência a perda da motivação para o trabalho, nascendo, assim, a necessidade de se desenvolver planos motivacionais nas organizações, o que tende a não gerar soluções duradouras, visto que agindo assim, está-se deixando de lado a causa-chave da falta de motivação.

As instituições de Ensino Superior (IES), sejam públicas, sejam privadas, vêm enfrentando momentos de verdadeira transformação, em boa parte derivadas das políticas voltadas à promoção do acesso ao ensino superior a um número cada vez maior de pessoas, questão que impacta em mudanças não somente na sociedade e nas próprias instituições de ensino, mas, notadamente, tendo em vista o objetivo a que este trabalho se propõe, na vida dos docentes inseridos neste contexto.

Em vista disso, este artigo, resultado de uma agenda de pesquisas que vem sendo cumpridas em direção ao desvelar do significado do trabalho para os sujeitos, sobretudo para àqueles que atuam profissionalmente junto a Instituições de Ensino Superior, objetiva apresentar uma análise comparativa entre as significações do trabalho para professores que atuam junto a uma IES pública e outra privada; visto que a organização a qual o indivíduo está ligado profissionalmente apresenta potencial de impactar substancialmente as atividades exercidas, e por consequência, o processo de significação do trabalho realizado.

Adicionalmente, este estudo apresenta como objetivo prático fornecer subsídios para o desenvolvimento de programas estratégicos de gestão de pessoas nas IES brasileiras, pois o tema encontra-se intimamente ligado à motivação dos sujeitos para trabalhar.

Esclarece-se que procurando evitar a identificação das instituições estudadas, convencionou-se atribuir o termo “Beta” para a IES pública estudada e o termo “Gama” a IES privada contemplada neste estudo.

Evolução do Mundo do Trabalho

A prática do trabalho pode ser considerada como uma das experiências mais antigas do ser humano. Os primeiros vestígios do que hoje é definido como trabalho já existia na época denominada como pré-história, em formas primitivas de economia, as quais sofreram alterações profundas ao longo da história da humanidade (OLIVEIRA *apud* KRAWULSKI, 1998).

Nas sociedades escravistas antigas, como a grega e a romana, o ócio era tido como fundamental para ter-se uma vida feliz, pois só ele permitia o exercício de atividades

consideradas nobres, tais como, o cultivo do corpo e do espírito. O trabalho nesse contexto era atividade típica para os escravos. Aos pobres e desonrados, era a quem cabia o trabalho, ficando livres dessa atividade os homens bons e livres, senhores da terra, da guerra e também da política (CHAUÍ, 1999).

A partir do séc. XVII, de acordo com Ellul *apud* Bertiol (2006), começa-se a presenciar outra orientação a respeito do trabalho, a qual terá seu pleno desenvolvimento no século XIX, com a industrialização. O trabalho, então, começou a sofrer alterações quanto ao seu conceito, natureza e principalmente quanto às formas de organização, passando a conceber-se alguma forma de valorização do mesmo neste período. Neste contexto, o capitalismo trouxe uma nova visão de trabalho: a de já não ser exercido na forma pura e simples de escravidão, como acontecia há séculos (OLIVEIRA, 2010).

É, então, a partir desse momento que a sociedade inteira começa a se organizar em torno e em função do trabalho. O mesmo passa a ser o motor, o sentido da vida do homem, e o valor principal da sociedade (ELLUL *apud* BERTIOL, 2006). Enquanto nas sociedades pré-capitalistas, a identidade do homem era construída de acordo com os grupos aos quais os sujeitos pertenciam, na sociedade capitalista, a identidade passou a ser construída na relação do indivíduo com o trabalho. Começa a partir daí a se delinear as primeiras configurações que culminaram com o trabalho, nos dias atuais: atividade desenvolvida predominantemente de forma institucionalizada, mediante pagamento de salários e voltada à produtividade e obtenção de lucros, sob os auspícios da economia de mercado (KRAWULSKI, 1998).

Desde as últimas décadas do século passado, muito se tem discutido acerca das mudanças na sociedade como um todo e, em especial, no contexto produtivo. Trata-se de transformações sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade. Tais transformações, ao produzirem um contexto marcado por características como transitoriedade, efemeridade, descontinuidade e caos, atingem algumas categorias teóricas-chaves na área das ciências humanas e sociais, dentre as quais, configura-se o trabalho (COUTINHO; KRAWULSKI, SOARES, 2007). Trata-se de um tema que move estudos e pesquisas, ligadas a diferentes perspectivas e vertentes epistemológicas, interessando a profissionais ligados a diferentes áreas de atuação.

As novas configurações do mundo do trabalho implicam em mudanças significativas na vida dos trabalhadores; sejam elas objetivas (novas tecnologias de produção e gestão), sejam subjetivas (mudanças psicológicas e sociológicas da relação homem-trabalho), as quais engendram modificações no significado do trabalho diante do cenário existente na atualidade (FLEIG, 2003), questão que se pode propor perpassa todas as categorias funcionais.

Significado do Trabalho

O trabalho apresenta-se em uma variedade de ocupações, sendo objeto de diversificadas classificações. Costuma ser glorificado tanto por defensores tradicionais do capitalismo, como por marxistas, salvaguardando-se suas distintas convicções. E, mesmo quando utilizado em seu sentido econômico (trabalho remunerado) e restrito ao contexto das organizações formais continua representando um tema diversificado, ambíguo e complexo.

O verbo “trabalhar” apresenta em várias línguas da cultura européia mais de um significado. Por exemplo, o latim distingue *laborare* como ação do labor e *operare* o verbo que corresponde à obra; *travailler* e *ouvrer*, da mesma forma em francês; o inglês *labour* e o alemão *arbeit* relacionam-se a esforço, cansaço, em contraposição a *work* e *werk*, palavras inglesa e alemã, respectivamente relacionadas à ativa criação da obra (CODA; FONSECA, 2004).

Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra (trabalho) – ambas as significações: a de realizar uma obra que dê reconhecimento social, e a de esforço repetitivo e sem liberdade, de resultado consumível e esforço inevitável. De uma maneira ampla, o trabalho pode ser compreendido como todo esforço humano, que intervém em seu ambiente com determinada finalidade (ZANELLI; SILVA, 1996).

Envolto às ambiguidades que permeiam o termo, estudos e pesquisas referentes aos “significados e sentidos do trabalho” têm-se desenvolvido, de modo destacado a partir da segunda metade da década de 80, envolvendo estudiosos ligados a diferentes vertentes epistemológicas. Trata-se de um tema que desperta a atenção e o interesse de psicólogos, sociólogos, administradores, profissionais da comunicação social, dentre outros.

A importância conferida à temática deve-se em boa parte à centralidade que o trabalho é capaz de exercer na vida humana, conforme propõe Zanelli e Silva (1996, p. 18): “O trabalho ocupa um inegável espaço na existência humana. Coloca-se entre as atividades mais importantes e, de qualquer maneira, constitui-se na principal fonte de significados na constituição da vida de todos”. Enquanto elemento central da sociedade contemporânea, o trabalho vem ganhando novas significações, passando a conferir legitimidade ao sujeito trabalhador.

As argumentações de alguns dos teóricos defensores da centralidade do trabalho ressaltam os seguintes pontos, segundo Lima (2003 *apud* SILVA, 2007, p. 61):

- a) Apesar da crescente disjunção entre crescimento econômico e emprego, o trabalho continua a ser, para muitos, um fator de identidade e um símbolo de reconhecimento social. A identidade social ainda procede da ação e o homem ainda é o que faz.
- b) O aumento do tempo livre não permite deduzir que o trabalho deixou de ser um dos tempos fortes da existência, pois ele continua a ser importante regulador do psiquismo, ocupando um lugar que não pode ser preenchido pelas interações sócio afetivas, políticas, etc. (PERRET *apud* LIMA, 2003).

Ainda que na atualidade existam correntes que defendem a perda da centralidade no trabalho, neste estudo, compartilha-se da concepção de autores como Antunes (2002,), Harvey (2000) e Lessa (1997) que reafirmam o papel dessa categoria como fundante do ser humano e de suas formas de sociabilidade. Podendo-se talvez, seguindo nessa direção, “considerar o trabalho um predicado universal e genérico, ‘definidor’ do gênero humano” (CARVALHO, 2001, p. 157).

O trabalho constituiu-se para o homem como um verdadeiro sentido de vida, sendo que, em geral os sujeitos passam a maior parte de seu tempo trabalhando, assim, “é rico de sentido individual e social. É o meio de produção da vida de cada um, criando sentidos existenciais e contribuindo na estruturação da personalidade e da identidade” (BORGES; TAMAYO, 2001, p. 13).

Para Engels (1984, p. 9), o trabalho é mais do que o ato de transformar a matéria-prima em riqueza - “é o fundamento da vida humana”, mencionando que “sob determinado aspecto, o trabalho criou o próprio homem”. Lukács *apud* Lima (2003, p.16), toma o trabalho como “o ponto de partida para a humanização do homem [...] o trabalho como um fim em si — e não como mero meio de subsistência — tem por finalidade a autoconstrução humana”. Para o autor, não existe homem sem trabalho, pois é a categoria trabalho que faz a intermediação entre homem e humanidade.

Codo et al. (1995) destacam, que não apenas o modo como o trabalho é executado (a atividade), mas também o que resulta deste trabalho (o produto) são importantes na construção da identidade humana e ambos os fatores dizem respeito à questão do seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio. Segundo os autores:

Nossa construção como indivíduos e como elementos sociais, através do trabalho, mostra-se particularmente clara na moderna sociedade industrial e liberal. Ser médico, secretária, professor, comerciante, motorista de ônibus ou bancário faz parte indissolúvel de nossa identidade social [...] (CODO et al, 1995, p. 317).

Além de constituir-se em fonte de sustento, o trabalho é um meio de se relacionar com os outros, de se sentir como parte integrante de um grupo ou da sociedade, de ter uma ocupação, de ter um objetivo a ser atingido na vida (MORIN, 2001), constituindo-se para boa parte dos trabalhadores como o único elo social fora do convívio familiar (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2004). O trabalho passa, a ser uma maneira de estar incluído e locado na sociedade. Wickert (1999, p. 68) ressalta essa questão:

[...] o trabalho passa a ser a via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem o reconhecimento de sua existência, caso produza. Entretanto, quando já não é mais produtivo a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o aluguel social.

Pesquisas realizadas pela equipe de investigação *Meaning of Work International Research Team* - MOW (1987) e por Morin (2002), indicam que as pessoas, em sua grande maioria, mesmo que tivessem condições de viver o resto da vida confortavelmente, ainda assim, continuariam a trabalhar. Tais constatações levam a propor que o trabalho apresenta um rico sentido individual e social, constituindo-se num meio de produção da vida de cada um, ao prover subsistência, criar sentidos existenciais ou contribuir na estruturação da identidade e da subjetividade (TOLFO; PICCININI, 2007). Têm-se assim, que o trabalho não é alheio aos sujeitos que o produzem, pois os próprios sujeitos acabam sendo produzidos pelos seus trabalhos. É o que sugere Fonseca (2003, p. 1) quando expressa que:

Os modos de trabalhar não são inócuos e estão longe de dizerem respeito tão somente à sua finalidade-fim. Não são exteriores aos sujeitos que os produzem; eles incidem, se refletem sobre eles tornando-os suas imagens refletidas. São, pois, produtores de sujeitos, e é desta maneira que vida e trabalho se encontram indissociados, levando-nos a problematizar a ordem organizacional como uma espécie de usina de produção de sujeitos [...].

Mesmo diante das consideráveis mudanças nas relações de trabalho, um número expressivo de trabalhadores ainda demonstra encontrar no trabalho uma fonte de orgulho e identificação (MORIN, TONELLI, PLIOPAS, 2007), questão que é destacada por Freitas (1999, p. 44) quando menciona que:

O trabalho é uma importante fonte de referência para o indivíduo. A relação do indivíduo com o seu trabalho vai além da mera necessidade econômica de sobrevivência material; representa também uma satisfação ao ideal de ego e preenche a necessidade de fazer algo bem feito, de deixar sua marca, de registrar sua importância no mundo.

Quanto a esse aspecto, Dejours (1993), propõe que o sentido do trabalho é eivado de aspectos que tocam na questão da construção da identidade. A utilidade social do fazer do trabalho insere os indivíduos na comunidade como pessoas que dela participam e conferem aceitabilidade social. Morin (2002) também reforça que o processo de trabalho e seus resultados ajudam o indivíduo a formar sua identidade. Tais considerações puderam ser evidenciadas em uma pesquisa realizada pelo autor com alunos de um curso de especialização em administração da cidade de São Paulo, os quais expressaram que além do trabalho em si, a própria organização onde trabalham era geradora de orgulho, status e reconhecimento social.

Neste sentido, Grisci (2000) destaca que, além da importância social, o trabalho é representado na vida dos sujeitos como fonte de subjetivação. Um desses aspectos, diz respeito à dimensão do reconhecimento, o qual não deve ser considerado como uma espécie de reivindicação secundária dos que trabalham, muito pelo contrário, mostra-se decisivo na dinâmica da mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade, pois quando o trabalho realizado é reconhecido, também os esforços, angústias, dúvidas, decepções e desânimos adquirem sentido (DEJOURS, 1999).

Estudos direcionados ao significado do trabalho começaram a ser conduzidos de modo mais expressivo, a partir da década de 80, merecendo destaque especial, a atuação do grupo MOW, na busca de definir e identificar variáveis que expliquem os significados que os sujeitos atribuem ao seu trabalho, conduzindo pesquisas com amostras representativas de oito países. De acordo com a equipe, significado do trabalho trata-se de “um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo, ao seu redor ou no trabalho” (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 39).

Dos dados empíricos obtidos pelo grupo em suas vastas pesquisas estruturaram doze fatores, os quais, posteriormente foram agrupados em 03 dimensões principais, as quais são utilizadas até hoje nos estudos que buscam desvelar o significado do trabalho, conforme segue.

a) Centralidade do Trabalho: refere-se ao grau de importância que o trabalho tem na vida do indivíduo num determinado momento. É formada por um construto complexo composto por um componente valorativo – a centralidade absoluta do trabalho – que mensura o valor atribuído a este dentro da vida dos sujeitos e identifica em que medida o trabalho é central para a autoimagem. E a centralidade relativa do trabalho – influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, e que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na vida, tais como família, lazer, religião.

De acordo com Blanch *apud* Goulart (2009, p. 124), essa dimensão pode ser considerada ainda como: “[...] o núcleo axiológico de significado que o trabalho vai adquirindo para as pessoas antes de formarem parte da população ativa e durante toda a vida laboral”, sendo que o índice de centralidade poderá ser obtido por meio de duas medidas: a centralidade relativa e a absoluta, as quais podem ser detectáveis, conforme segue:

A primeira é obtida por meio da comparação da importância atribuída ao trabalho com relação a outros espaços da vida diária (família, lazer, religião, comunidade); enquanto a centralidade absoluta é indicada pela valorização da importância do trabalho para a própria vida (BLANCH *apud* GOULART, 2009 p.124).

b) Normas Sociais sobre o Trabalho: remetem às normas derivadas de valores morais relacionados com o trabalho, que atuam como antecedentes dos princípios e condutas sociais associados às crenças sobre as obrigações e os direitos do trabalhador. Tais normas funcionam como padrões sociais que balizam as avaliações individuais acerca das recompensas obtidas pelo trabalho e consistem numa expressão geral (percepção) do que seriam trocas equitativas entre o que o indivíduo recebe da situação de trabalho e as contribuições que ele traz para o processo de trabalho. Nos estudos do grupo MOW, estas normas foram observadas em conjuntos antagônicos: deveres (constituem os padrões sociais sobre o trabalho considerados corretos pelos indivíduos na sua relação com a sociedade. Um exemplo é que todo indivíduo tem o dever de contribuir para o bem social pelo seu trabalho) e direitos (referem-se às obrigações da sociedade para com o indivíduo, como por exemplo, todo indivíduo ter direito a um trabalho interessante e significativo) (TOLFO; PICCININI, 2007).

c) Resultados valorizados do trabalho: são os valores relacionados com as finalidades que as atividades representam para a pessoa, respondendo à indagação acerca dos motivos que os levam a trabalhar. É composta de variáveis que se referem a valores distintos do trabalho e

motivações do construto do significado do trabalho. Esta variável abrange o conjunto de produtos básicos que os indivíduos buscam no trabalho, as funções que cumpre em suas vidas e as necessidades que lhes permitem satisfazer (obter prestígio e retorno financeiro, se manter em atividade, permitir-lhes contato social e estabelecimento de relações interpessoais; fazê-los sentirem-se úteis para a sociedade; permitir auto realização).

As informações sobre produtos valorizados permitem entender o que torna os indivíduos mais ou menos satisfeitos com suas ocupações ou o que torna uma situação de trabalho mais atrativa do que outra. Trata-se, portanto, de um conceito associado às noções de satisfação e motivação, sendo, por conseguinte, o mais estudado dentre os domínios do significado do trabalho (SOARES apud BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 23).

Cabe destacar que os valores do trabalho apresentam diferenças e similaridades transculturais relacionadas com a importância atribuída às facetas do trabalho. Esta dimensão pode ser considerada a mais estudada na atualidade, visto estar intimamente relacionada ao tema motivação ao trabalho.

Partindo deste construto, o sentido do trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida, que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade num determinado momento histórico. Por sua atribuição psicológica e social, varia, na medida em que deriva do processo de atribuir significados e se apresenta associado às condições históricas da sociedade. Trata-se, portanto, de um construto sempre inacabado (TOLFO; PICCININI, 2007).

Destaque-se que frequentemente os conceitos de “significado do trabalho” e “sentido do trabalho” são tratados como termos equivalentes em estudos e pesquisas acadêmicas, sendo utilizadas as mesmas variáveis para estudar-se tanto o significado como o sentido do trabalho. Etimologicamente, a palavra sentido origina-se do latim *sensus*, que remete à percepção, significado, sentimento, ou ao verbo sentire: perceber, sentir e saber (HARPER, 2001); admitindo-se, portanto a possibilidade de ser adotada como sinônimo de significado.

De fato, para alguns autores (MOW, 1987) não existe evidentes diferenças, entre os dois conceitos. Contudo, Tolfo e Piccinini (2007), sugerem que, seguindo a idéia de Hackman e Oldhan (1975), Morin (1996) define o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada por três componentes: o significado, a orientação e a coerência. O significado refere-se às representações que o sujeito tem de sua atividade, assim como o valor que lhe atribui. A orientação é sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o que guia suas ações. E a coerência é a harmonia ou o equilíbrio que ele espera de sua relação com o trabalho. Ou seja, sob essa perspectiva, o significado do trabalho constitui-se como um dos componentes do sentido.

Sem deixar de considerar a pertinência da proposição dos autores mencionados quanto à distinção no uso dos termos (sentido e significado), para fins deste estudo, adotar-se-á os conceitos de sentido e significado do trabalho, tal como proposto pelo Grupo MOW (1987), ou seja, como termos equivalentes.

Assim, entende-se como significado do trabalho a representação social que a tarefa executada tem para o trabalhador, seja individual (a identificação de seu trabalho no resultado da tarefa), para o grupo (o sentimento de pertença a uma classe unida pela execução de um mesmo trabalho), ou social (o sentimento de executar um trabalho que contribua para o todo, para a sociedade).

Metodologia

Este trabalho busca efetuar uma análise comparativa entre as significações do trabalho para professores que atuam junto a uma IES pública e outra privada, aqui denominadas respectivamente de Beta e Gama. A pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Trata-se de um estudo de múltiplos casos, pois procura-se efetuar uma análise comparativa acerca do significado do trabalho para os docentes que atuam junto ao curso de administração de duas IES.

Quanto à abordagem metodológica, trata-se de uma pesquisa descritiva qualitativa, pois procura descrever o fenômeno estudado sem interferir ou manipular a realidade. Além disso, pressupõe a observação de múltiplos aspectos de uma dada realidade, como os elementos subjetivos ligados às percepções e à dinâmica das interações de indivíduos e grupos, por meio de seus significados para as pessoas (TRIVIÑOS, 1987).

Adotou-se como embasamento teórico, o modelo desenvolvido pelo grupo MOW (1987), o qual trata do significado do trabalho considerando três dimensões: centralidade do trabalho, normas sociais do trabalho e resultados valorizados do trabalho.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a uma amostra de oito docentes efetivos do curso de administração (amostra aleatória não probabilística) ligados a duas Instituições, uma de natureza pública e outra de natureza privada. As entrevistas foram gravadas e transcritas, facilitando-se assim, a realização da técnica de análise de conteúdo no tratamento dos dados coletados. Segundo Bardin (1979), a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Resultados

Conforme expresso pelos docentes ligados à instituição pública estudada (denominada neste estudo como “Beta”), o trabalho ocupa um significativo espaço em suas vidas, constituindo-se em uma espécie de extensão dos indivíduos. Ou seja, o trabalho os acompanha no decorrer das vinte e quatro horas do dia, constituindo, pode-se propor, no próprio ser dos docentes. Expressões como a que segue demonstram a ideia de centralidade apresentada pelo trabalho, remetendo à proposição de Lukács *apud* Lima (2003) de que não existe homem sem o trabalho.

O trabalho para mim é quase tudo, em suma é a razão do meu viver, eu vivo muito mais para o trabalho do que para o lazer ou até mesmo para a família. Eu trabalho o tempo todo, desde que amanhece eu já sento no meu computador e mesmo a noite, às vezes, me pego pensando em trabalho... o trabalho é fundamental, eu não sei viver sem trabalhar [...] (E3, 2010).

Quanto ao trabalho, em termos gerais também é explanado pelos docentes ligados à instituição privada (neste estudo denominada de “Gama”) manifestações que se assimilam ao discurso proferido pelos docentes da Beta, como: “O trabalho é a minha vida” (E8) e “o trabalho representa uma forma de eu me sentir útil, e também a questão de estar mostrando para os meus filhos a questão de uma realidade [...]” (E5), chegando a ser considerado pelo entrevistado 6 que “as pessoas que não tem trabalho não são felizes, não consigo imaginar uma pessoa que não tenha trabalho que seja feliz”(E6); questão que remete mais uma vez, às proposições teóricas que abordam a centralidade que o trabalho ocupa na vida dos sujeitos.

Embora os docentes ligados à instituição Gama assumam a importância do trabalho em suas vidas, os mesmos não entendem que a organização na qual atuam pode ser tida como uma espécie de extensão do seu nome, principalmente, após o período de transformação da Gama há quase uma década (quando a instituição passou a fazer parte de uma grande rede de ensino), conforme revelam falas como a que segue: “Quanto a ser o fulano do local tal? , até já me senti no início, mas depois da mudança não, pois a gente tem uma dificuldade maior assim de associação, porque eu nunca pensei, eu nunca gostei da possibilidade de estar associando com alguma coisa negativa (E5)”

Pode-se verificar nas falas que o significado atribuído ao trabalho vai muito além do mero retorno financeiro, questão que foi expressa por todos docentes. Porém existem diferentes concepções a respeito desse, “ir além”, quando compara-se o que é destacado pelos professores de cada IES. Emerge no decorrer do discurso dos docentes que atuam junto à instituição pública, que é por meio do trabalho que encontram: auto realização, inserção e reconhecimento social, prestígio, status, o sentir-se útil, sendo que este último aspecto foi o único mencionado nas falas dos professores vinculados à organização Gama.

Pesquisas conduzidas pelo grupo MOW (1987) e por Morin (2002), indicaram como resultado que as pessoas, em sua grande maioria, mesmo que tivessem condições de viver o resto da vida confortavelmente, ainda assim continuariam a trabalhar, constatação que parece assemelhar-se aos resultados obtidos na pesquisa junto aos docentes da IES pública. Tal questão pode ser identificada no discurso proferido pelos entrevistados ligados à Beta, conforme mencionam que “[...] como eu tenho uma vida relativamente estável, eu poderia hoje me dar ao luxo de trabalhar bem menos, no entanto, eu sinto necessidade de trabalhar, já não mais pelo dinheiro”. (E3), “parar de trabalhar? acho que me sentiria o próprio inútil” (E4) e “já completei o tempo para a aposentadoria, mas não penso em parar. Sei que ainda posso fazer muito. Não quero ficar em casa vendo a vida passar. Aqui me sinto produzindo [...]” (E1).

Após tais explanações, pode-se verificar concretamente o quanto as suas vidas encontram-se atreladas ao trabalho e a profissão que exercem, assim como o quanto suas identidades parecem ser impactadas pelo trabalho, pois mesmo não prescindido do trabalho para sobreviver ou até mesmo podendo estar gozando o período de aposentadoria, ainda assim entendem que estar trabalhando é fundamental para que se sintam verdadeiramente vivos.

Além disso, não haveria exageros em ponderar que o tempo de experiência e atuação junto às instituições estudadas, interfere na maneira como os entrevistados atribuem significado às atividades que desempenham. Sendo que, quanto maior o tempo em que se encontram inseridas na Beta, maior tende a ser a valorização atribuída à mesma, chegando ao ponto de ser considerada como fonte de status, conforme relatos a seguir: “sinto-me muito orgulhosa de fazer parte dessa elite, por trabalhar em uma universidade federal, acho honroso [...]” (E1). [...] a gente é referência (E3). Pode-se assim, observar que o trabalho apresenta um caráter subjetivo, desempenhando papel importante como unidade produtora e estruturadora da identidade social.

Já em relação aos discursos proferidos pelos docentes atuantes na organização Gama, quanto maior de tempo de atuação junto à mesma, em especial àqueles que vivenciaram o seu processo de mudança, menor tende a ser o orgulho e reconhecimento social atribuído, chegando a ser motivo de verdadeira vergonha. Para esse grupo de docentes, algum orgulho existe no que se refere tão somente à profissão, ao ser professor, não ao ser professor junto à Gama, conforme evidenciada a fala a seguir: “Professor para mim é ser é paixão, é paixão, dar aula para mim é paixão, uma realização [...] é um sonho desde criança, eu sempre pensei em trabalhar na área da docência” (E6). Porém, o ser professor da Gama é tido como motivo de vergonha, “Hoje eu não tenho orgulho nenhum, eu tenho até vergonha [...] eu tenho vergonha de dizer que trabalho lá” (E6), questão que é complementada pelo entrevistado 5 quando

menciona que “eu nunca gostei da possibilidade de estar associando com alguma coisa negativa, como a gente em algumas vinculações na mídia”. Tais relatos revelam potencial de existência de problemas, visto que o trabalho exerce papel na constituição da identidade dos indivíduos.

Pode-se diante dos dados obtidos, verificar que as significações atribuídas pelos docentes quanto ao que diz respeito a ser membro da organização Beta, coincidem com os resultados de estudos conduzidos por Morin (2002) com alunos de um curso de especialização em administração da cidade de São Paulo, os quais expressaram que além do trabalho em si, a própria organização onde trabalhavam era geradora de orgulho, status e reconhecimento social; questão que em nenhum momento é relatada pelos docentes ligados a Gama e que chega a ser mencionado como “eu não gosto de ir na rua fora do horário de trabalho e ver um colega de trabalho, que me lembra [a Gama]” (E6).

Quanto aos resultados valorizados de seus trabalhos, pode-se identificar que os mesmos conseguem, ainda que em níveis diferentes visualizar a contribuição do esforço empreendido na situação laboral, em seus contextos distintos de trabalho, pois realizam uma atividade profissional que permite visualizar o produto gerado. Neste sentido, a profissão docente acaba por apresentar um determinado privilégio, quando comparado com outras profissões, ao passo que permite ao trabalhador planejar, executar e contemplar os resultados gerados pelo investimento do seu trabalho. Desse modo, o significado atribuído ao trabalho tende a ser ainda maior, podendo-se propor que se assemelhe ao chamado “trabalho criativo”. Porém, ao remeter-se à ideia de planejamento e autonomia, os docentes da Gama relatam a dificuldade de visualizar o resultado de seus trabalhos como sendo “resultados verdadeiramente seus”, visto que a organização adota em toda rede os conhecidos livros-texto ou apostilas, as quais são pensadas em um único local do país, devendo ser seguidos obrigatoriamente pelos docentes, o que dificulta o uso do conhecimento e da criatividade no planejamento da ação docente, bem como na autonomia - característica que tende a ser tão própria dessa categoria profissional. Tal questão (uso texto padrão) é problematizada pelo entrevistado a seguir:

[...] não é aquilo que a gente fala de ponta e quando a gente está numa sala de aula e a gente constrói a gente pode trazer aquilo que é melhor né, não digo estado da arte numa produção internacional aí de referência, mas aquilo que até no Brasil já é consolidado e muitas vezes quando a gente pega num livro que a gente não sabe qual foi a verdadeira razão ali dele estar ali presente, a gente está se deparando com um material que não é de qualidade mesmo né, é um material que a gente às vezes apresenta para o aluno e se a gente tem um conhecimento a gente acaba colocando aquilo ali em cheque, então eu acho que isso é negativo e a gente como professor acaba não gostando disso (E5).

Quanto ao uso desse material específico, que revela apenas uma parcela da dimensão referente à autonomia do trabalho docente, o entrevistado 8 também destaca seu sentimento de insatisfação e angústia “me sinto preso, amarrado, acho isso muito limitador para o aluno e também para nós professores, mas não temos autonomia para mudar isso”. Tais declarações parecem ir ao encontro do que propõe FARIA (2004) quando destaca que o alheamento do trabalhador para com o conteúdo de seu trabalho pode afetar sua subjetividade, causando-lhe possíveis sofrimentos e alterações nas relações psicossociais, o que parece confirmar-se em relação aos docentes da Gama.

Ainda quanto à dimensão resultados obtidos por meio do trabalho, destaca-se também a recompensa social, estando contemplada dentre os aspectos tidos como motivadores ao trabalho de docente junto à Beta – ou seja, o quanto a atividade que exercem é capaz de contribuir para a construção de um mundo melhor. Tais aspectos podem ser verificados em falas como: “sou um professor que contribuição na formação do jovem” (E4), “tenho o dever

de transformar, lutar por uma organização melhor, mais justa, mais inclusiva [...] para que ela chegue ao patamar que merece estar” (E3) e tenho ”muita vontade de fazer do curso de administração um dos melhores cursos, não só daqui, mas da região, do Estado [...] (E2). Tais declarações remetem à proposição de Freitas quando menciona que: “o trabalho é uma importante fonte de referência para o indivíduo [...].representa também uma satisfação ao ideal de ego e preenche a necessidade de fazer algo bem feito, de deixar sua marca, de registrar sua importância no mundo (FREITAS, 1999, p. 44).

Desse modo, pode-se depreender que a significação do trabalho na vida dos docentes da Beta extrapola em muito o âmbito individual, abrangendo aspectos sociais importantes, incluindo-se o compromisso com o desenvolvimento da instituição onde atuam, pretendendo dar melhor visibilidade ao curso. Porém ao analisar-se a fala dos docentes da Gama, pode-se verificar justamente o contrário quanto ao aspecto social, conforme pode ser conferido a seguir:

Antes da mudança me sentia como se tivesse fazendo parte de um projeto de transformação da sociedade, em termos culturais de adesão ao ensino privado e era um ensino de qualidade, o grupo docente era muito comprometido, as decisões aconteciam de uma maneira rápida e imediata, a liberdade não era cerceada, tanto do docente na sala de aula, quanto para fazer qualquer tipo de atividade, em termos de ideias para colocar em prática [...] agora é uma gestão por resultados, que embora o professor não atue diretamente nisso, acaba recaindo nisso (E6).

Existia todo um projeto estruturado, com uma visão que me parecia bem interessante de ser um curso forte com exigência e que embora pago o professor tinha respaldo e capacidade de fazer uma boa aula, apresentar um bom trabalho e cobrar isso do aluno. Tínhamos respaldo, agora não, eu percebi assim uma dificuldade maior é em termos de qualidade de ensino, a gente foi muito impactado com isso (E7).

De acordo com Dejours (1993), a utilidade social do fazer do trabalho insere os indivíduos na comunidade como pessoas que dela participam, conferindo-lhes aceitabilidade social. O sentimento de “contribuir à sociedade” através do próprio trabalho é mencionado pelos docentes ligados às duas instituições, sendo que o sentimento de contribuição dos docentes que atuam na organização Gama parece restringe-se bem mais, conforme explica o entrevistado que segue: [...] enquanto instituição apenas da sala de aula, que eu consigo contribuir (E6). Codo et al. (1995) destacam, que não apenas o modo como o trabalho é executado (a atividade), mas também o que resulta deste trabalho (o produto) são importantes na construção da identidade humana e ambos os fatores dizem respeito à questão do seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio. Neste sentido, também deve-se destacar que se encontra aí (na percepção de utilidade do trabalho) “um importante componente para a construção da identidade do trabalhador e para a manutenção de estados de saúde mental e bem-estar” (DEJOURS *apud* BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011, p. 155)

Quanto a esse aspecto, baseando-se na proposição de Dejours, pode-se verificar falas que revelam problemas no trabalho capazes de gerar a presença de sofrimento, como: “quando puder saio correndo, quero me sentir professor de verdade, e isso faz com que me sinta chateado” (E8) e “hoje eu estou no prejuízo, hoje neste ambiente no qual eu estou inserida, está trazendo prejuízo emocional né?, Porém é uma necessidade que eu tenho em função de que eu preciso galgar outro ambiente, que é o ambiente da federal” (E6)

Diante do exposto, pode-se verificar que a dimensão normas sociais é representada pelos docentes da Gama como o trabalho constituindo-se em obrigação, um dever para que possam galgar um ambiente melhor, capaz de fazer com que seu trabalho docente seja considerado um direito conquistado (permeado pela questão da autonomia, principalmente), um direito a que todo trabalhador deve ter: o de desenvolver um trabalho interessante e

significante (TOLFO; PICCININI, 2007), questão que é expressa nos discursos dos professores da organização Beta, ainda que os mesmos admitam a existência de alguns problemas institucionais capazes de impactar em seus trabalhos.

Considerações Finais

. Este artigo procurou relatar os resultados de uma agenda de pesquisas, que vem sendo desenvolvidas desde o ano de 2010, voltada ao desvelar acerca dos significados do trabalho para docentes inseridos em duas IES: uma pública e outra privada.

Pode-se verificar que os docentes admitem o trabalho como central em suas vidas, e que o “ser professor” é tido como orgulho para ambos os grupos estudados, porém a análise comparativa entre os discursos proferidos nos permite inferir que as significações do trabalho para os docentes estudados perpassa em elevado grau a instituição ao qual os entrevistados, encontram-se vinculados, visto que as significações parecem encontrar-se em dois polos opostos: do orgulho à vergonha, do prazer ao sofrimento.

Espera-se que com tais constatações possa-se contribuir com subsídios visando à condução de programas estratégicos na instituição privada pesquisada, os quais devem ser capazes de auxiliar os professores no processo de ressignificação de seus trabalhos – visto aí encontrar-se um elemento chave no processo motivacional.

Salienta-se que os resultados apresentados representam a realidade dos docentes que atuam junto às instituições estudadas, existindo o propósito de conduzir-se futuras pesquisas comparando as significações atribuídas por docentes ligados a outras IES que apresentem condições semelhantes às abordadas neste estudo.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo E. Significado do Trabalho nas Indústrias Criativas. **Revista de Administração de Empresas - RAE**, v. 51, n. 2, mar./abr. 2011 p. 143-159, São Paulo, 2011.
- BETIOL, Maria I. S. Análise Exploratória Sobre “Os Sentidos Do Trabalho” em Duas Visões: Região Metropolitana de São Paulo e Região Parisiense. **Anais do 30º Encontro ENANPAD**, Salvador/BA, 2006.
- BORGES, L. O.; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 2001, 1 (2), 11- 44.
- CARVALHO, Ricardo Alves de. **Considerações teórico-metodológicas sobre as novas configurações autogestivas no mundo do trabalho neste início de milênio**. Nesth/UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- CHAUI, M. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. São Paulo: Ed.Unesp/Ed.Hucitec,1999.
- CODA, Roberto; FONSECA, Glaucia Falcone. Em busca do significado do trabalho: Relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**. FECAP. Ano 6 nº 14 Abril/2004.
- CODO, Wanderley et al. **A síndrome do trabalho vazio em bancários**. In: CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson C. (orgs.) **Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1995
- COUTINHO, Maria C.; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce H. P. Identidade e Trabalho na Contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Revista Psicologia & Sociedade**; 19, UFSC, 2007.

- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- DEJOURS, C. Intelligence pratique et sagesse pratique: deux dimensions méconnues du travail réel. **Education Permanente**, n.116, 1993.
- ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.
- FARIA, J. H. **Economia política do poder**. Vol. 3. Curitiba: Juruá, 2004.
- FLEIG, Daniel G. Reestruturação Produtiva e Subjetividade: Uma Análise Interpretativa do Significado do Desemprego. [CD-ROM]. ENANPAD, 27º. **Anais...** Atibaia/SP, 2003.
- FREITAS, M. E. **Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- HARPER, D. **Online Etymology Dictionary**, nov/2001. Acessado em 05 set. 2005, de 2010. Disponível em: <http://etymonline.com/?search=schala>
- KRAWULSI, Edite. A orientação profissional e o significado do Trabalho. **Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais**, Florianópolis, v.2 n.1, p.5-19, 1998.
- LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A polêmica em torno do trabalho na sociedade contemporânea. **Revista Destarte**, Vitória, v. 2 n. 2, p. 161-194, 2003.
- GOULART, Patrícia Martins. **Adaptação do questionário sobre significados do trabalho - QST - para o Brasil**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2009, vol.14, n.2, pp.
- MORIN, Estelle. **Os sentidos do trabalho**. In T. Wood (Ed.), *Gestão empresarial: O fator humano* (pp. 13-34). São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Revista Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1: 47-56, , FGV, São Paulo, 2007.
- MOW. Internation Research Team. **The Meaning of the Working**. London: Academic Press, 1987.
- OLIVEIRA, Marco A. Oliveira; **Comportamento Organizacional para gestão de Pessoas: como agem as empresas e seus gestores**. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.
- SIEVERS, Bukard. Além do Sucedâneo da Motivação. In: ZALEZNIK, Abraham; BERGAMINI, Cecilia; CODA, Roberto. **Psicodinâmica da Vida Organizacional: motivação e liderança**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- SILVA, Glaucia P. da. O significado do trabalho para o deficiente visual. Dissertação de Mestrado. **Programa de Pós-Graduação em Psicologia**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), Minas Gerais, 2007, 107f.
- TOLFO, S.R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Revista Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1, 2007.
- TRIVINÕS, Augusto Nivaldo. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELOS, Z. B.; OLIVEIRA, I. D. (Orgs.). **Orientação vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos**. São Paulo: Vetor, 2004.
- WICKERT, L. F. O adoecer psíquico do desempregado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.19.n.1, 66-75, 1999.
- ZANELLI, J. C.; NARBAL, Silva. **Programa de Preparação para Aposentadoria**. [S.l.]: Insular, 1996.
- ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para Aposentadoria nas Organizações de Trabalho**. Construção de projetos para o pós carreira. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.